



Isabela Espindola/Divulgação

Julia Vargas revela que rompeu a barreira de falar sobre si mesma ao compor as faixas autorais de 'D'Água'

Júlia Vargas assume sua voz autoral

'D'Água', quarto álbum da artista, carrega o signo da reinvenção com faixas próprias e releituras com sua grife de intérprete

AFFONSO NUNES

Depois de 15 anos construindo uma sólida carreira como intérprete, Julia Vargas coloca suas próprias

composições pra jogo. "D'Água" (Biscoito Fino), seu quarto álbum, é o primeiro trabalho em que ela seu lado compositora.

O novo disco reúne três canções assinadas por Julia. "Pavio", em parceria com Duda Brack, abre essa conversa; "Vem" e "Atrás da Cortina da Pantera" são integralmente suas.

"Os álbuns que eu gravei anteriormente eram projetos de intérprete. Agora estou começando a trazer as minhas canções, movimento novo na minha história", explica Julia.

A artista reconhece a insegurança que acompanhou esse processo. "Sempre tive uma timidez muito grande para falar sobre mim. Tenho

referências tão fortes de poetisas e poetas incríveis, que quando eu começava a compor, achava tudo pequeno, bobo. Só depois fui entendendo que a minha maneira de compor tem a sua beleza, também".

A mudança reflete uma transformação pessoal. "Sempre fui muito solar. Depois de alguns

atravessamentos na minha vida, comecei a dar mais voz para esse lugar lunar, lugar dos sentimentos, extremamente feminino", comenta Julia. Essa introspecção permeia o álbum, que se afasta do pop para abraçar influências do R&B, soul e blues. "É totalmente diferente de tudo que eu vinha fazendo. Ele traz suavidade, um jeito de cantar mais suave. A sonoridade está mais para o R&B, para o soul, uma coisa mais bluseira, mas rock'n'roll também", define.

Além das autorais, "D'Água" traz reinterpretções de clássicos. Julia escolheu "Comportamento Geral", de Gonzaguinha, e "Maluca", de Luís Capucho, que ganhou versão memorável de Cássia Eller. Nesta última, Julia convida Zélia Duncan para um dueto que celebra Cássia. "Quando a gente gravou 'Maluca', eu me arrepiei inteira: me emocionei como se a Cássia estivesse lá", lembra Julia, que participou do tributo a Cássia Eller no Rock in Rio de 2015.

A outra convidada é Roberta Sá, com quem Julia divide "Sinceramente", de Khrystal e Moyseis Marques. Do repertório de Lhuli, Julia escolheu "Flor Lilás". "Bomba", de Nicolas de Francesco e Alisson Sant, completa o disco.

O álbum foi construído com João Bittencourt (teclado e acordeom), Gabriel Barbosa (bateria), Marcos Luz (baixo) e Gui Marques (sintetizadores), que divide a produção musical com Julia Vargas.

"D'Água' é um grito de liberdade. Ele fala sobre coragem, é todo o desaguar de sentimentos guardados. Tem muito a ver com o que estou vivendo hoje, mas também é o fechamento de ciclo, para que novos se iniciem", destaca.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Jorge, um amigo dos cariocas

Camarada, quando dá meia-noite do dia 23 de abril, o Rio fica sinistro. É foguetório rasgando o céu, batuque ecoando na alma, reza forte e gole virado sem cerimônia. Não tem essa de quem é quem, de onde veio ou no que acredita. Nesta semana, comemoramos o dia dele. E São Jorge não é santo de altar enfeitadinho, não - veste armadura, monta no cavalo e desce pra batalha junto com a gente.

Ele é a última esperança de quem tá no perrengue, o escudo dos injustiçados, o guerreiro dos que ralam. Se você acorda cedo, pega condução lotada, engole sapo de patrão e ainda faz milagre pra comida não faltar, então tu tá na linha de frente - e Jorge tá do teu lado.

O Rio inteiro sabe que é dia sagrado. O jogo do bicho bota fé no sorteio, promes-



Carlos Monteiro

sa é paga no balcão, vela acesa ilumina pedido antigo. Fé não pede documento. Corre solta entre igreja, terreiro e esquina. E ninguém estranha, porque aqui a devoção é mistura, é vivida, é de corpo inteiro.

E aí, a cidade muda de roupa. O medo dá um passo atrás e a esperança veste armadura. No som do tambor, na chama da vela, no copo sujo do botequim, todo mundo celebra o santo que não abandona os seus. Onde tem fé, tem panela no fogo. Feijão borbulhando na laje, na cal-

çada, no quintal improvisado. E o copo? Sempre cheio pra compartilhar. Porque dividir também é oração.

E Jorge não caminha sozinho. Tem sempre um parceiro de chapéu de lado e sapato branco: Zé Pelintra. O malandro e o santo se entendem. Jorge segura o impacto, Zé ensina o caminho. Um protege, o outro orienta. No mesmo altar, na mesma vela, no mesmo brinde. Se o Rio tem esse gingado, não nasceu à toa.

Jorge é de todos, mas tem cantos

onde ele é mais presente ainda. Tá nas madrugadas difíceis, nas vidas que enfrentam o seu dragão todo dia sem abaixar a cabeça. Tá nos que apostam na sorte, nos que vivem de coragem e improviso. E reina absoluto nos botecos, onde a vida é resolvida na conversa, no riso, no trago. Porque Jorge não é santo de porta fechada. É santo de rua, de beco, de mesa de sinuca, de cadeira na calçada e copo americano suado.

É também santo de arquibancada e de avenida. As escolas de samba sabem bem disso, pois carregam sua imagem, sua força e sua proteção como quem leva um escudo invisível. Porque desfilar no carnaval também é batalha. E sabe por que ele é tão respeitado? Porque não fica olhando de longe. Jorge entra no campo. Empunha a lança, encara o dragão e segura a bronca junto com o povo.

Então erga o copo, acende tua vela, bate no peito e segue firme. Porque hoje o Rio é território dele.

E onde ele pisa, ninguém caminha sozinho. Salve Jorge!